VEGA ISA

veículo ZERO HORA (RS)
data 21 OUT 1997 132

CHARRUA

Índios ligam homicídio a alcoolismo

A mãe de uma menina de dois meses morta na quinta-feira passada teria agido sob embriaguez

ADRIANO FLORIANI
Casa Zero Hora/Passo Fundo

Charrua – Os índios caingangues da reserva de Ligeiro, em Charrua, tentam provar a inocência de Júlio César Inácio, 37 anos, acusado de ter matado a filha de dois meses. Eles apontam como culpada a mulher dele, Tercila Manoel Antonio, 24 anos. Pelo menos duas testemunhas afirmaram ontem ter visto Tercila jogar a menina Marilaine Inácio contra o chão no final da tarde de quinta-feira. O casal está recolhido ao presídio de Getúlio Vargas desde sexta-feira. Tercila é mantida numa cela especial. Para o chefe da reserva, Darci Rosa, 39 anos, a origem do crime é clara: o álcool. Conforme exame clínico solicitado pela polícia, Tercila estava embriagada. "A bebida traz a desgraça para nós", comentou o cacique Florindo Lima, 50 anos. "O culpado é quem fornece o álcool."

O caso revoltou os 1,3 mil índios da reserva, situada no Alto Uruguai. "A minha mãe, avó de Marilaine, não come mais", mencionou Sirlei Inácio. Júlio César e Tercila acusam-se mutuamente. Os dois foram presos em flagrante na noite de quinta-feira. Tercila foi detida pelo chefe do posto até a chegada da polícia enquanto o pai e o cacique socorriam o bebê. O delegado Carlos Pinheiro de Almeida autuou o casal por homicídio.

Ontem, duas índias garantiram ter presenciado Tercila matar a filha. Márcia Candim, 22 anos, e Sandra Arcílio, 19 anos, devem prestar depoimento na Delegacia da Polícia Civil de Tapejara. "Não foi ele", afirmou Márcia. As duas tinham ido lavar roupa num córrego próximo a um potreiro, local onde ocorreu o crime, e disseram ter visto a cena a uma distância de 20 metros. Segundo Márcia, o casal vinha discutindo pela estrada. "Tu tens de me dar a menina se não queres criar ela comigo", teria dito Júlio César à mulher. "Tu só estás comigo por causa dela", respondeu Tercila, que teria pego o bebê pelas pernas e jogado ao chão com força.

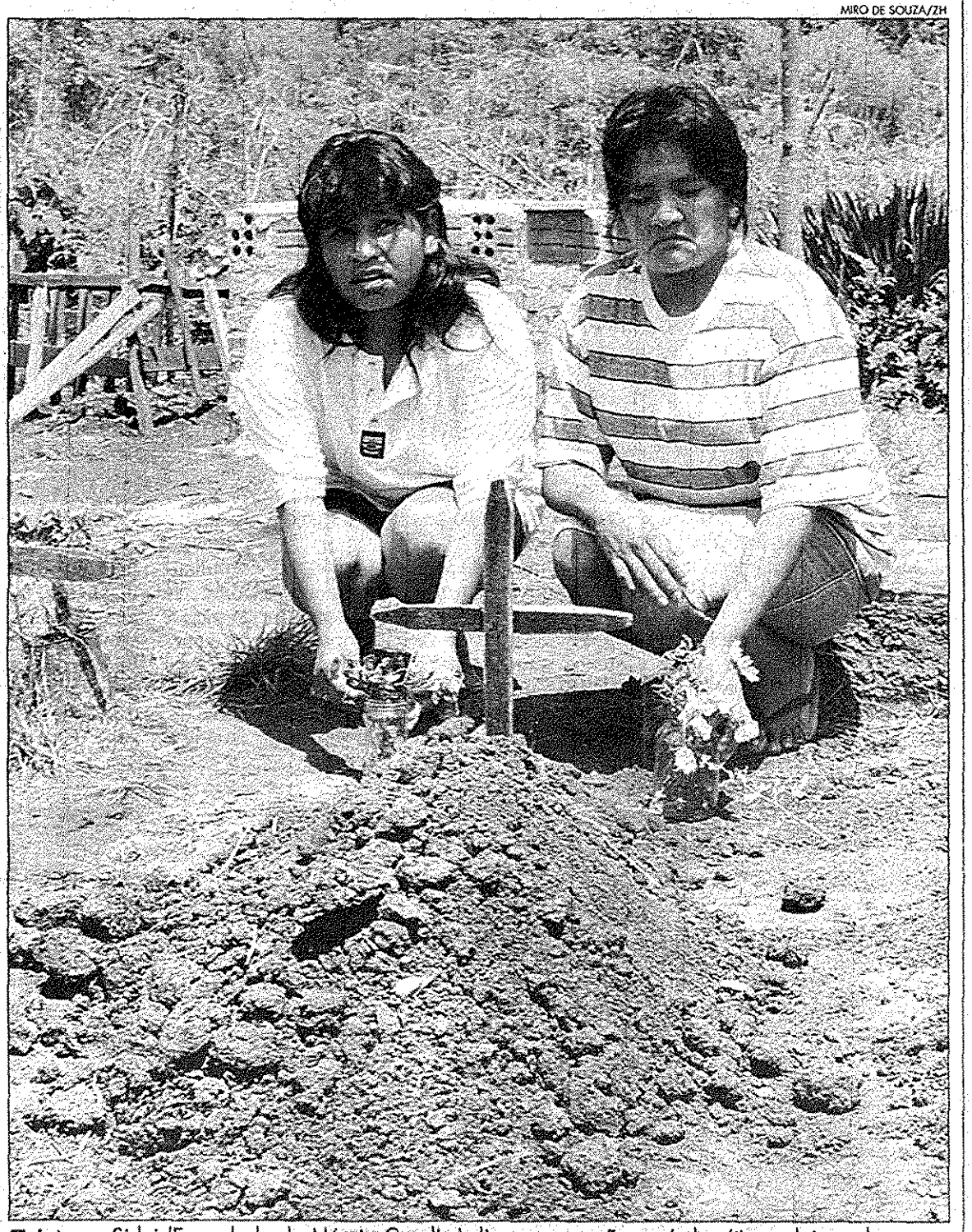
Desesperado, Júlio César deu um soco no rosto da mulher, que fugiu. Com a menina ainda agonizante nos braços, correu para o posto, onde foi providenciado socorro. O bebê morreu antes de chegar ao Hospital Santo Antônio, em Tapejara, a 22 quilômetros. As testemunhas foram ouvidas à tarde pelo conselho da tribo, formado por 12 idosos. Os depoimentos foram registrados em ata e entregues ao chefe do posto, que deve remetê-los hoje à polícia. "Temos de esclarecer quem é o verdadeiro culpado", disse o chefe.

Líderes não sabem como o álcool que Tercila bebeu antes do crime chegou à reserva de Ligeiro

Carminda Inácio, irmã de Júlio César, foi quem forneceu cachaça a Tercila, segundo o chefe do posto, mas ninguém sabe de onde veio o álcool. Carminda está detida no posto. Tercila é um dos 15 casos de alcoolismo na reserva. O posto, por meio da Fundação Nacional do Índio (Funai), entrou em contato com a Secretaria Municipal de Saúde e a Assistência Social de Charrua para providenciar a recuperação dos alcoólatras.

"O índio não pára de beber até ver o fundo da garrafa", disse o cacique. A Funai distribuiu folhetos aos bares próximos à reserva informando que é crime vender bebidas alcoólicas aos índios. "Os comerciantes ignoram os comunicados da Funai", afirma Darci.

MIRO DE SOUZA/ZH



Tristeza: Sirlei (E, ao lado de Márcia Candim) diz que sua mãe, avó da vítima, deixou de comer

O QUE DIZ A LEI

Legislação prevê punição para quem propiciar o consumo de bebida alcoólica entre índios:

- O artigo 58, item III, da lei 6.001 de 19 de dezembro de 1973 estabelece:
- Constituem crimes contra os índios e a cultura indígena: propiciar, por qualquer meio, a aquisição, o uso e a disseminação de bebidas alcoólicas, nos grupos tribais ou entre os índios não integrados
- Pena: detenção de seis meses a dois anos
- Parágrafo único: as penas estabelecidas neste artigo são agravadas de um terço quando o crime for praticado por funcionário ou empregado do órgão de assistência ao índio

Fome e ócio atormentam as tribos

ISABELA SOARES

A briga pela posse de terras, a fome e o ócio são, hoje, os maiores inimigos dos índios assentados em reservas no Brasil. Um genocídio silencioso se exacerba em fatos cruéis como o assassinato ocorrido na última quinta-feira na reserva de Ligeiro, em Charrua, e como a morte do índio Ivo Jacinto, no dia 6 de janeiro do ano passado. Numa festa regada a muita cachaça, Jacinto, 45 anos, foi assassinado com uma facada nas costas. O caingangue morava na reserva da Guarita, próximo à cidade de Miraguaí, no norte do Estado, e estava reunido com Jussara Jacinto, Maria Batista do Nascimento e o biscateiro Jorge Nequel, 40 anos.

Vizinhos relataram na época à Brigada Militar que os quatro bebiam cachaça e, depois de uma discussão, Nequel feriu Jacinto, que não resistiu aos ferimentos e morreu no hospital. "Se a comunidade branca ajudasse, evitando a venda e o consumo de bebidas alcoólicas entre índios, nosso trabalho teria mais efeito", reconhece Euclênio da Costa Alvarez, responsável pelo posto da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Passo Fundo. Alvarez concorda que o problema do alcoolismo é grave em algumas reservas gaúchas, mas anuncia alguns trabalhos educacionais. "Estamos tentando erradicar o problema."

Estudos de conhecimento da Funai apontam que mais de 30% dos índios brasileiros vivem na mais profunda miséria. Vulneráveis devido à fome crônica, os índios tornam-se vítimas de doenças como a tuberculose, a malária, a hepatite e até mesmo a gripe. Em setembro último, o vírus Influenza A, causador da gripe, atingiu mais de mil índios das reservas de Inhacorá, em São Valério do Sul, e Votouro, em Benjamin Constant do Sul. Dezenas deles precisaram ser internados com sintomas como febre alta, enjôo e tonturas.